# *Humanos, ainda que mais-que-humanos:* naturalismo crítico e o desafio das ciências sociais em *Questioning humanity*

Marco Antônio Gavério[1] (Orcid: 0000 0002-0744-3520) (marcaosemacento@gmail.com)

[1] Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

**Osborne, Thomas; Rose, Nikolas.**
***Questioning humanity: being human in a posthuman age***
**Cheltenham, UK: E. Elgar Publishing, 2024**

Em *Questioning humanity: being human in a posthuman age* (2024), os sociólogos britânicos Thomas Osborne e Nikolas Rose empreendem uma análise conceitual e teórica sobre o lugar da humanidade nas áreas disciplinares das ciências sociais e humanas diante dos desafios contemporâneos. O livro propõe um retorno crítico ao que consideram ser questionamentos fundacionais dessas disciplinas: o que é o humano e como ele tem sido compreendido por elas. Essas indagações, longe de serem apenas mais uma provocação teórica, adquirem densidade analítica à medida que os autores mobilizam uma interlocução sofisticada entre sociologia, críticas a estratos teóricos da biologia evolutiva e um aporte filosófico do fazer científico.

Diferentemente de obras que buscam apresentar inovações temáticas ostensivas, *Questioning humanity* não reivindica a originalidade por meio da novidade radical. Ao contrário, Osborne e Rose revelam que o campo das ciências humanas parece ter abandonado, de forma inquietante, o engajamento explícito com a questão do que é

Recebido em: 21/11/2025 Revisado em: 29/12/2025 Aprovado em: 28/01/2026

**Todos os dados da pesquisa estão disponíveis neste texto.**

DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-733120263602819pt

Editora responsável: Jane Russo

o humano e qual a conformação de sua humanidade. Essa ausência – ou negligência – implica uma espécie de pressuposição tácita, como se a definição do humano e da humanidade pudesse ser definitiva, tornando-se desnecessária ou obsoleta como objeto central de investigação. Para os autores, esse pressuposto é problemático. Quando os cientistas sociais deixam de interrogar o que é o humano e o que é a humanidade, correm o risco de renunciar a uma tarefa epistemológica fundamental: refletir sobre a constituição mesma de seu objeto científico, qual seja, a vida em sociedade, a ação coletiva, a experiência social e cultural.

Assim, outras disciplinas ocupam o espaço e tornam-se hegemônicas na definição do humano. A biologia, a psicologia, as neurociências e os saberes médicos e biomédicos, por exemplo, tendem a apresentar-se e serem reconhecidos exclusivamente como os campos legítimos para dizer o que é a humanidade. Nesses domínios, o humano é frequentemente entendido como corpo, organismo, máquina bioquímica, sistema biocibernético – uma entidade cujas dimensões socioculturais seriam acessórias ou epifenômenos. O que Osborne e Rose propõem, então, é que as ciências sociais não apenas retomem a questão do humano, mas o façam em diálogo crítico com esses outros campos, reconhecendo a relevância de seus saberes, mas também afirmando sua própria competência em pensar a vida, a humanidade e a experiência.

*Questioning humanity* é estruturado em torno de seis capítulos temáticos e um posfácio, por meio dos quais Osborne e Rose constroem seu argumento por um humanismo naturalístico e relacional, que se afasta tanto do humanismo essencialista quanto do que chamam de radicalismos pós-humanistas. No capítulo 1, "*Humanity*", os autores revisitam a ideia do humano a partir da intersecção entre cultura e biologia, destacando a centralidade do conceito de *scaffolding* para pensar a constituição histórica, social e material das capacidades humanas. Já no capítulo 2, "*Minds*", argumentam contra a excepcionalidade mental dos humanos, mostrando que nossas capacidades cognitivas dependem de suportes extracorporais e são, em parte, compartilhadas com outros animais. O capítulo 3, "*Animals*", enfrenta a crítica pós-humanista à separação entre humanos e não humanos, reconhecendo a continuidade evolutiva entre espécies, mas reafirmando que a especificidade humana reside na extensão e na complexidade de sua plasticidade adaptativa.

O capítulo 4, "*Cyborgs*", foca nas transformações contemporâneas provocadas pelas tecnologias de melhoramento/aprimoramento humano[1] e inteligência

artificial, destacando que, embora tais tecnologias ampliem nossas capacidades, elas não anulam a dependência humana de uma consciência situada, encarnada e imperfeita. Em "*Aliens*", o capítulo 5, os autores exploram a contingência radical da evolução humana e as projeções antropocêntricas sobre possíveis formas de vida extraterrestre, reiterando que pensar o "estranho" nos força a repensar o humano. Por fim, no posfácio, Osborne e Rose retomam todos esses fios para defender um humanismo alternativo: não metafísico, mas empírico e relacional; não centrado em uma essência, mas nas condições materiais, sociais e historicamente precárias que tornam possível a vida humana, ainda que esta se realize de modo desigual e atravessado por hierarquizações indesejáveis.

A proposta do livro está ancorada no conceito de *scaffolding*, que os autores mobilizam como eixo teórico e metodológico para repensar a constituição do humano. Em sentido literal, *scaffolding* refere-se a andaimes, estruturas temporárias usadas na construção de edifícios para dar suporte à forma final da obra. De maneira análoga, Osborne e Rose defendem que os seres humanos sempre foram constituídos por esse tipo de apoio: estruturas materiais, técnicas, sociais e simbólicas que, embora exteriores ao corpo, são condições para o desenvolvimento de nossas capacidades cognitivas, afetivas e corporais. A própria constituição físico-química do organismo humano depende de condições ambientais, históricas e sociais para se realizar. Assim, até mesmo o corpo, tradicionalmente concebido como instância "natural", é atravessado por *scaffoldings* de diversas ordens que o tornam ontologicamente possível.

Esses andaimes condicionais são o que tornam possível a linguagem, a aprendizagem, a transmissão cultural, a consciência situada e a construção de mundos comuns. Os *scaffoldings* não são apenas ferramentas auxiliares ou próteses: são constitutivos da humanidade. É a partir deles que os humanos se diferenciam de outras espécies animais, não por uma essência interna ou superioridade inata, mas por sua capacidade de criar e depender, de forma complexa e maleável, dessas estruturas para viver, pensar e agir. O corpo humano, o utensílio, a casa, o abrigo, o idioma, o sistema educacional, os dispositivos técnicos e tecnológicos, os rituais culturais: tudo isso compõe a malha de *scaffoldings* que sustenta a forma de vida considerada humana.

Ao argumentar que somos seres adaptados para não sermos totalmente adaptáveis, Osborne e Rose propõem que é justamente nossa dependência e remodelação de meios duráveis e heterogêneos o que nos torna humanos. Essas estruturas são herdadas,

reinventadas, negociadas e muitas vezes impostas e, como os autores sublinham, são distribuídas de forma radicalmente desigual, em termos sociais, políticos e econômicos. O conceito de *scaffolding*, portanto, não é apenas uma descrição ontológica da condição humana, mas também uma chave crítica para entender como diferentes vidas humanas são possibilitadas ou restringidas pelas condições materiais, históricas e institucionais que moldam suas existências "biossociais".

O ponto que os autores destacam é que há uma relação mútua entre o humano e o mundo que ele habita: o ser humano transforma seu ambiente, mas também é transformado por ele. Ainda que não se trate de um lamarckismo clássico – no qual o ambiente modifica diretamente os genes –, há evidências de que as condições sociais, materiais e tecnológicas modulam a expressão fenotípica e influenciam os processos evolutivos de forma multifatorial. As estruturas exteriores ao corpo (ferramentas, artefatos, instituições, linguagens) retroagem sobre o próprio corpo, reconfigurando suas possibilidades e limitações.

Nesse sentido, o livro propõe uma crítica às abordagens reducionistas – como a sociobiologia ou a psicologia evolucionária – que tentam explicar os comportamentos humanos com base em traços genéticos fixados em épocas pré-históricas. Os autores mostram que nem mesmo as ciências biológicas contemporâneas mais sofisticadas permanecem presas a esse tipo de determinismo. Elas já operam com noções como epigenética e plasticidade adaptativa, reconhecendo a interação complexa entre genes, ambiente e cultura. Osborne e Rose insistem, portanto, que a sociedade, a cultura e a política importam – inclusive para as ciências da vida.

Do ponto de vista epistemológico, o livro propõe um escrutínio das dicotomias tradicionais e contemporâneas entre natureza e cultura, biologia e sociologia, o natural e o artificial. Osborne e Rose rejeitam a imagem do ser humano como um organismo fechado, autorreferente, e propõem em seu lugar um sujeito estendido, *transdérmico*, constituído pela materialidade das técnicas, dos ambientes e das relações sociais. Assim, longe de negar a importância da biologia, os autores afirmam que é precisamente uma biologia relacional, processual e complexa que deve ser criticamente engajada pelas ciências humanas, e não sua caricatura reducionista.

A crítica ao pós-humanismo, entendido aqui como um conjunto de correntes que buscam superar a figura moderna do "Homem" ocidental, racional e autônomo, é feita com nuances. Osborne e Rose reconhecem os méritos da crítica pós-humanista ao humanismo eurocêntrico, colonial e patriarcal, mas rejeitam suas tendências

mais radicais que postulam uma dissolução total da categoria "humano". Para eles, abandonar a noção de humanidade como objeto das ciências sociais significa também renunciar a uma gramática ética e política para lidar com as desigualdades e vulnerabilidades concretas que atravessam a vida social.

Nesse sentido, a proposta dos autores – ainda que um tanto missionária – é revitalizar o humanismo, mas não em seus moldes clássicos. Trata-se de construir uma versão pós-metafísica, que reconhece a humanidade como um processo histórico, material e relacional; jamais dado, sempre em formação. Essa versão reformulada do humanismo se ancora em uma ética do cuidado com os suportes da vida, e numa política do reconhecimento da interdependência estrutural entre os humanos e seus mundos fabricados.

O foco do livro, portanto, reside nessa tentativa de propor um humanismo reformulado, que não recaia nem em idealizações metafísicas nem em desagregações niilistas. Segundo os sociólogos, trata-se de um humanismo cético, empírico e relacional, que reconhece a vulnerabilidade constitutiva da vida humana e a dependência estrutural de seus suportes. Ao fazê-lo, Osborne e Rose convidam as ciências humanas a um reposicionamento: não mais como defensoras de uma essência intangível do humano, mas como instâncias críticas capazes de enfrentar, com sofisticação conceitual, os desafios de um mundo no qual o humano se tornou, de certa maneira, incerto.

O livro, portanto, oferece uma contribuição original para as ciências humanas ao propor uma inflexão crítica que recusa tanto o idealismo ilustrado quanto o niilismo pós-humano. Ao mesmo tempo, desafia as ciências sociais a saírem de sua zona de conforto e dialogarem, com rigor e vigilância epistemológica, com os avanços das ciências da vida. O naturalismo que Osborne e Rose defendem não é biologizante, mas uma ontologia relacional das formas de vida humanas, que resiste ao essencialismo e ao determinismo despolitizado.

Em suma, *Questioning humanity* é um livro de fôlego, que articula crítica, erudição e originalidade teórica. Sua aposta por um "vitalismo ordinário" e um humanismo epistemologicamente relacional abre caminho para pensar o humano não como exceção ou centro do universo, mas como uma forma de vida entre outras, cuja especificidade está menos em sua superioridade do que em sua interdependência constitutiva de mundos compartilhados.

## Agradecimentos

A realização desta resenha só foi possível por conta da bolsa e auxílio de pesquisa concedidos ao autor pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) para o projeto de Pós-Doutorado "A deficiência e a busca pelo melhoramento humano: mapeamento e análise dos discursos acadêmicos no contexto brasileiro" (Edital FAPERJ N17/2024 Programa Pós-Doutorado Nota 10/PDR-10 2024 - E-26/200.396/2025).

## Referência

VILAÇA, M. M. Melhoramentos humanos, no plural: pela qualificação de um importante debate filosófico. *Kriterion*, [S. l.], v. 55, n. 129, p. 331-347, 2014.

## Nota

[1] Os autores utilizam o termo *human augmentation*, que poderia ser traduzido como "aumentação humana" - um neologismo pouco usual em português. Nesta resenha opta-se por traduzir *augmentation* como melhoramento ou aprimoramento humano, seguindo o uso corrente na literatura brasileira especializada sobre o tema, na qual é mais comum empregar esses termos para traduzir o conceito mais estabilizado de *human enhancement* para se referir às tecnologias voltadas à ampliação e otimização das capacidades humanas. Para uma introdução sobre o tema do melhoramento humano e suas tecnologias, ver Vilaça (2014).

CC BY